

LITORAL / 2008

minissérie televisiva de Raúl Ruiz

Realização e Argumento: Raúl Ruiz / **Fotografia:** Jorge Aguilar / **Decoração:** Verónica Astudillo / **Música:** Jorge Arriagada / **Montagem:** Valeria Sarmiento / **Interpretação:** Santiago Meneghello (Ariel Cortínez), Daniel Kiblsky (Segundo Arrávinda), Francisca Walker (Amanda La Triste), Eduardo Paxeco (Lorenzo), Valentina Muhr (La Bonita), Pedro Vicuña (Policarpo Parada), Chamila Rodríguez (Amelia López), Marcial Edwards (Capitão), Pablo Krögh (homem de negro), Javiera Parra (Lara Ilusionista), Rosa Ramírez (Soraida), Ignacio Agüero (Patrón), Juan Pablo Miranda (Ruperto), Cristián Gajardo (Rilo López), Hernán Vallejo (Don Nadie), Nicolás Poblete, Belgica Castro, Hugo Medina, Jorge Becker, Manuel Peña, Sandro Larenas, Júlio Silva, Coca Rudolph, Mário Montilles, Héctor Aguilar, Ana Laura Racz, Eugenio Morales, Francisco Medina, Dióscoro Rojas, Claudio Rodríguez, Roberto Cobiqan, Arturo Rosell, Carlos Flores del Pino.

Produção: Televisión Nacional de Chile (TVN) com Suricato / **Produção executiva:** Christian Aspèe, Macarena Concha, Augusto Góngora / **Cópia:** ficheiro digital, cor, com legendagem electrónica em português, 185 minutos, 4 episódios / **Estreia:** 6 de Setembro de 2008, TVN / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca

LITORAL é uma minissérie realizada para a televisão nacional chilena (TVN), emitida em 2008, poucos anos antes da morte de Raúl Ruiz (em 2011). Realizada um ano depois de *Recta Provincia* (já exibido neste ciclo), retoma o trabalho com alguns dos actores dessa também série televisiva (como Belgica Castro, Chamila Rodriguez, Hector Aguilar), e retoma também o interesse pelo folclore e cultura popular chilena. A estrutura é parecida: 4 episódios, uma situação ou eixo narrativo central a partir do qual se entrelaçam outras histórias, decalcadas de contos populares chilenos. A situação que move a narrativa e o ambiente que assim envolve o entrelaçado das histórias é, contudo, outra, marítima: num barco (o Lucerna) marinheiros que não se sabe (e eles próprio não sabem) se estão mortos ou vivos contam histórias uns aos outros, numa assembleia reunida num cubículo fechado, apertado, sombrio.

Juntam-se nesse ambiente e nessa estrutura duas influências que permanecem com Ruiz desde a sua juventude. A influência do mar: o pai era capitão de um barco, Ruiz conta que durante anos ouviu histórias de fantasmas e de raparigas à espera nos portos (e o tema do mar, da costa, é recorrente no seu trabalho). E a influência da *novela* e do folhetim: Ruiz conta que durante alguns meses da sua juventude trabalhou como aquilo a que chama "argumentista de fim de capítulo" na televisão mexicana - davam-lhe um episódio e ele escrevia a última página do argumento. Trabalhou então como argumentista de *novela* mexicana e apesar de nunca ter realizado uma, a forma por episódios interessou-o, e acabou por realizar um filme a partir do texto de um escritor de folhetins, Camilo Castelo Branco (já antes tinha considerado realizar uma série a partir da escrita de Alberto Blest Gana, que é como um Castelo Branco chileno, diz – mas achou o catolicismo deste último mais respirável). Raúl Ruiz interessa-se pela forma do folhetim porque lhe permite dar primazia à imagem. Interessa-lhe que seja a acção a conduzir as personagens, e não o inverso, conclui.

LITORAL é a última incursão de Raúl Ruiz pela produção televisiva (se descontarmos a versão televisiva de *Mistérios de Lisboa*, exibida na 1ª parte deste ciclo). E apesar de ser então feito para a televisão, é ainda assim cinematográfica, a abordagem de Ruiz. Mantêm-se algumas das figuras mais recorrentes do seu cinema: a matrioska narrativa (no fim do último episódio a maquete do barco torna perto de literal essa figura da matrioska), o território do intermédio, do entre (que Ruiz às vezes localiza no (seu) exílio), a colagem dentro do plano ou a negociação constante com a profundidade de campo, a moldagem da luz e da cor. Ruiz diz numa entrevista (aos *Cahiers*, em 2010) que gosta de fazer entrar questões cinematográficas na “televisão normal”. LITORAL é um exemplo disso.

Nessa mesma entrevista pergunta: “O cinema será mesmo todo no presente? Será que a repetição ou um elemento insistente não criam uma forma particular de passado?”, acrescentando que são essas as perguntas que gosta de levar do cinema para a televisão. A repetição é um dos movimentos mais fortes em LITORAL. Não só pelos leitmotive (como os fotografados que olham uns para os outros nas fotografias penduradas numa parede, no início do primeiro episódio e no fim do último) ou pelas cenas que se repetem, às vezes com as mesmas personagens outras vezes não (como nas escadas da igreja no primeiro e no último episódio) ou pelo regresso de personagens em histórias a que se julgava não pertencerem, mas também pelo recurso a algumas imagens que têm em si inscrita, desde logo, a repetição – a mais forte, o *play-back*.

Para além de instalarem uma temporalidade indefinida, estranha – a tal “forma particular de passado” de que fala Ruiz na entrevista aos *Cahiers* (e sublinho “forma particular”, porque não é o passado fechado, contido, definido, a que costumamos chamar passado) – estas repetições, insistências, contribuem para uma indefinição mais lata. Como noutros trabalhos (para a televisão ou para o cinema), Ruiz instala e percorre aqui um território do *entre*. O mar, justamente, dá-lhe chão. O Lucerna anda à deriva num terreno instável, não percebemos se circula ou se está parado, e dentro dele vivem marinheiros que não estão mortos nem vivos. Contam histórias ou então são atirados ao mar – enquanto um dos marinheiros começa a contar um conto em *off* ouve-se “homem ao mar!” que é o que acontece aos marinheiros que ficam de fora. Nos contos, há noivas sonâmbulas, ilusionistas, há homens que caminham em terra aos tombos, como se estivessem no mar. O ambiente é o da letargia e o do absurdo (e Ruiz trabalhou mesmo com o teatro do absurdo que diz ter fortes representantes latino-americanos). Um vagabundo pede moedas e atira-as para trás das costas, como se faz nas fontes, um velho lê cartas em branco, há uma bandeira que faz um som de trote de cavalo quando se mexe apesar de estar no interior onde não há vento (só se mexe na imagem, não de facto), há personagens que leem jornais virados ao contrário. Pouco a pouco, também nós, que vemos, somos levados para esse território do *entre*, que junta espaço, tempo, narrativa, imagem, e também nós já não sabemos se estamos a dormir ou acordados. Sonambulismo, deriva, espectro, figuras importantes para o cinema de Ruiz, são as figuras que também movem LITORAL.

Os marinheiros que contam as histórias dentro do barco, aparecem como personagens nas narrativas que estão a contar. Um diz, a certa altura, dentro da história que conta “estamos vivos no Lucerna, estamos mortos *aqui*”. Não sabemos o que é *aqui*. Vemos, contudo, como a cor é mais quente nas cenas dos contos (na ficção?), como é fria dentro do barco (a realidade?). “Quanto mais conto menos acredito na verdade”, diz outro marinheiro. LITORAL faz, finalmente, parte de uma pesquisa também ela mais lata, que atravessa todo o cinema de Raúl Ruiz, sobre a verdade da ficção.

Inês Sapeta Dias